

O CAMPO CURRICULAR E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO CURRÍCULO DO CURSO DE LETRAS DO IFFLUMINENSE *CAMPUS* CAMPOS CENTRO¹

Kleverson Gonçalves Willima²

Resumo: Do século XX para cá, houve transformações significativas nas Ciências da Linguagem, em especial no que diz respeito às concepções de língua, como trabalhar com esse objeto e como ensiná-lo. As principais contribuições inovadoras vêm da Sociolinguística, corrente que visa a discutir sobre a relação entre língua e sociedade, afirmando que não há separação entre essas duas categorias; língua e sociedade são indissociáveis. Nesse caminho, os documentos oficiais que norteiam o ensino de línguas e que fornecem diretrizes para os cursos de Letras começaram a direcionar suas orientações em busca de uma práxis docente sociolinguisticamente orientada. Em vista disso, este trabalho objetivou realizar uma análise sociolinguística do currículo do Curso de Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro, com o intuito de verificar como estão distribuídos os conhecimentos concernentes à Sociolinguística e ao fenômeno da variação no desenho curricular dessa instituição específica. Os resultados encontrados mostraram que, apesar da presença da Sociolinguística no PPC atual do Curso de Letras da referida instituição, ainda há muito o que melhorar para que a aquisição desses conhecimentos seja efetiva e mais bem aproveitada. É preciso, então: i) retirar a Sociolinguística de Linguística I, criando um componente curricular próprio para ela, já que são muitos temas para pouco tempo; ii) deslocá-la do primeiro período e colocá-la a partir do quinto; iii) realizar uma maior integração da Sociolinguística com os demais componentes curriculares que tratam sobre língua(gem), respeitando as exigências do Parecer CNE/CES nº 492/2001, que fornece as diretrizes para os cursos de Letras. Esse percurso é necessário pois a Sociolinguística depende de conhecimentos que não estão disponíveis no início do curso para uma maior compreensão de seus fenômenos. Assim, será possível promover uma práxis docente mais condizente com a realidade linguística, formando profissionais capacitados para melhor ensinar o objeto língua, para lidar com as mudanças sociais e linguísticas atuais e formar indivíduos críticos, reflexivos e analíticos no que diz respeito à língua(gem) e à sociedade como um todo.

Palavras-chave: Parecer CNE/CES nº 492/2001. Práxis Docente. Língua(gem).

THE CURRICULAR FIELD AND TEACHER TRAINING: A SOCIOLINGUISTICS ANALYSIS FROM LETRAS COLLEGE COURSE CURRICULUM IN IFFLUMINENSE *CAMPUS* CAMPOS CENTRO

Abstract: From the twentieth century up to the present, there has been significant changes in Linguistics Science, notably in terms of language conception, how to work with this object and how to teach it. The main innovating contributions come from Sociolinguistics, a line of thought that aims to debate the linkage between language and society, implying that there is no rift between those categories; language and society are, therefore, inextricable. That way, official documents that orientate language teaching and provide curricular guidelines to Portuguese higher education have come to direct their guidance to reach a sociolinguist oriented praxis. As a result, this research lens to carry out a sociolinguistic analysis of Portuguese college course IFFluminense *campus* Campos

¹ Este texto foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da especialização em Currículo, Didática e Metodologias Ativas (FAMEESP), tendo sido orientado pela Profa. Dra. Silvia Cristina Soggio Del Monte e aprovado no dia 02 de fevereiro de 2024.

² Mestrando em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); pós-graduando em Currículo, Didática e Metodologias Ativas pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP) e em Letras com Ênfase em Linguística pela Faculdade Focus; licenciado em Letras – Português e Espanhol pelo Centro Universitário FAEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1787630683030415> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9729-5148>. E-mail: biokleverson@gmail.com

Centro curriculum, in order to verify how sociolinguistic knowledge and its variation in curriculum are allocated in this specific course. The results show that, despite Sociolinguistics' presence as a subject in the institution, there is still plenty of room for improvement so that the knowledge acquired could be exploited and seized. It is needed, thus: i) to withdraw Sociolinguistics from Linguistics I, creating its own curriculum, taking into account its many themes; ii) to shift it from the first period to the fifth; iii) to undertake a broader integration between Sociolinguistics and other curricular components that address language, abiding by CNE/CES nº 492/2001 report, which furnishes guidelines for Portuguese college courses. This itinerary is required because Sociolinguistics relies on knowledge that is unavailable in early stages of the course, to a higher comprehension of its phenomenon. Thereby, it will be possible to promote a teaching praxis befitting of linguistic reality, training qualified teachers that can lecture on language object itself, so they can deal with social and linguistic changes to form critical, reflexive and analytical individuals regarding language and society as a whole.

KEYWORDS: Teaching praxis. Language. Sociolinguistics. CNE/CES Nº 492/2001.

INTRODUÇÃO

Desde sua origem, o campo curricular tem sido amplamente disputado (Arroyo, 2013; Sacristán, 2013). Segundo Fernandes ([2020]), isso se deve ao fato de que, quem controla o currículo, controla aquilo que será ensinado e, conseqüentemente, aprendido. De acordo com Silva (2005), falar em currículo é sempre falar em seleção, em determinados conhecimentos que estarão nesse documento em detrimento de outros que não estarão, explicitando as relações de poder que atravessam quaisquer debates sobre currículo, inclusive a sua formulação e posterior implementação/aplicação. É por essas e muitas outras razões que o campo curricular muito tem se aproximado das discussões sobre formação docente, pois entende-se que um bom processo formativo passa, necessariamente, por uma sólida construção de conhecimentos de/sobre currículo (Moreira, 2021).

Quando nos referimos à formação docente, é preciso atentar para a necessidade de praticarmos aquilo que Moreira (2021, p. 36) chama de "conversação instigante". Para tanto, é preciso que haja um "assento privilegiado para a teoria do currículo e suas pertinentes análises sobre os processos de seleção e de organização do conhecimento escolar". O autor, ao traçar esse percurso, nos mostra a relação inseparável entre formação docente e o campo curricular, justamente por se tratar de uma relação indispensável a uma efetiva práxis docente, fomentando um verdadeiro processo de ensino e aprendizagem. Com isso, percebemos a urgência de que os debates sobre currículos e formação sejam feitos levando em consideração os anseios e os apontamentos dos indivíduos direta e indiretamente afetados por essa realidade.

Sobre esse último tópico, cabe ressaltar a nossa atual situação no que diz respeito às políticas curriculares. Em 2018, foi publicada a versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento normativo/prescritivo que deve ser usado para a construção dos currículos escolares em todo o país. De acordo com Aguiar e Dourado (2018), Campelo, Johann e Pereira (2021) e Gonçalves (2020), a BNCC, desde a abertura do processo de

impeachment contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, transformou-se em um documento extremamente contraditório, esvaziado e conformado aos ditames do capital e daquilo que Gonçalves (2020) chama de "intelectuais orgânicos da BNCC", tais como: Banco Mundial (BM) e Fundo Monetário Internacional (FMI).

Nesse íterim, outras políticas foram sendo construídas e se inter-relacionando, como a Contrarreforma (Ramos; Paranhos, 2022) do Ensino Médio (Brasil, 2017) e a Base Nacional Comum de Formação Docente Inicial (Brasil, 2019a; 2019b) e Continuada (Brasil, 2020). Esses documentos, todos construídos no período pós-2016, em especial as novas diretrizes para a formação docente, têm igualmente servido a fins muito específicos, segundo Aguiar e Dourado (2018), Campelo, Johann e Pereira (2021), D'Ávila (2020) e Gonçalves (2020): conformação aos ditames do capitalismo neoliberal e dos organismos supranacionais (cf. Silveira, 2012) e promoção de uma formação esvaziada e acrítica tanto das juventudes, quanto das pessoas que se tornarão docentes *a posteriori*.

Embora a BNCC seja uma política claramente problemática, ela reforça pontos importantes no que concerne ao ensino de língua materna na Educação Básica. Um dos pilares fundamentais para o ensino de língua portuguesa, segundo a BNCC, é a variação linguística. Entendida pela Base como um fenômeno que atravessa todas as camadas linguísticas, na esteira do que igualmente nos afirma Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004; 2005), a variação precisa estar presente com maior frequência nas aulas de língua, diferente do que tem acontecido na atualidade, conforme observações de Caputo (2020) e Willima e Souza (2023). Assim sendo, é sumamente urgente e necessária a maior inserção da variação linguística nos currículos de formação docente, a fim de que esse público seja efetivamente formado para dar conta da realidade intrinsecamente variável, complexa e heterogênea das línguas humanas (Bagno, 2014).

Tendo em mente os apontamentos acima, este trabalho propõe-se a fazer uma análise sociolinguística do currículo do Curso de Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro, com o intuito de verificar como e de que forma estão distribuídos os conhecimentos concernentes à Sociolinguística e ao fenômeno da variação no desenho curricular dessa instituição específica. Esse recorte se deve à formação acadêmica de um dos autores deste trabalho, além do vínculo que ele possui com a instituição mencionada. A nossa principal justificativa refere-se ao fato de que o fenômeno da variação é intrínseco a todas as línguas humanas, sendo, portanto, extremamente necessária à sua abordagem em sala de aula, de forma crítica, reflexiva e que não

esteja circunscrita a apenas um momento das aulas de língua materna, mas sim que se dê de forma contínua, progressiva e variada, como propõem Willima e Souza (2023).

METODOLOGIA

Para a tessitura deste trabalho, será feita uma pesquisa bibliográfica e documental, de caráter qualitativo e descritivo (Marconi; Lakatos, 2021). A ideia, com esse percurso metodológico, é construir uma sólida base teórica para analisar criticamente, conforme os apontamentos de Evangelista e Shiroma (2019), os documentos norteadores da educação e da formação docente atuais (Brasil, 2018; 2019a; 2019b; 2020) e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Curso de Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro. Para tanto, será realizada uma comparação entre o PPC antigo (Instituto Federal Fluminense, 2016) e o atual (Instituto Federal Fluminense, 2019) do curso, a fim de buscar neles: a concepção de língua adotada, a sua adequação à legislação vigente para os cursos de Letras (Cf. Brasil, 2001) e a inserção da Sociolinguística e das discussões sobre o fenômeno da variação nos PPC. Assim, espera-se alcançar o objetivo proposto acima.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Antunes (2003), Oliveira (2010), Bagno (2007; 2013) e Bortoni-Ricardo (2004; 2005), há uma série de habilidades que precisam ser desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa: sociocomunicativas, sociolinguísticas e socioculturais; leitura, escrita e interpretação de textos; fruição, produção e análise literária; análise e reflexão linguística; entre outras. Em termos práticos, significa trabalhar com todos os eixos linguísticos (leitura, produção, análise e reflexão), conforme já apontavam os Parâmetros Curriculares Nacionais (Ferrarezi Jr., 2014) no passado e aponta a BNCC hoje (cf. Brasil, 2018). Isso nos indica, portanto, que os cursos de formação docente, especialmente os cursos de Letras, já que estamos nos referindo ao componente curricular "língua portuguesa", necessitam abarcar, no seu desenho curricular, todos os pontos anteriormente elencados (cf. Brasil, 2001).

Quando nos referimos à aquisição e/ou ao aprimoramento de habilidades sociocomunicativas (que podem compor, entre outras coisas: leitura, produção e interpretação de textos e análise e reflexão linguística), essenciais para uma formação plena no que diz respeito à língua portuguesa nas escolas (cf. Bortoni-Ricardo, 2005), é necessário ter em mente a importância indiscutível das contribuições da Sociolinguística nesse âmbito (e em tantos outros). Essa corrente da Linguística - "ciência que estuda a linguagem humana em geral e as

línguas humanas particulares" (Bagno, 2014, p. 61) - compreende, conforme Bortoni-Ricardo (2014) e Calvet (2002)³, os estudos que giram em torno da relação intrínseca e indissociável entre língua, sociedade e os falantes que fazem uso dela.

Como qualquer outra área do conhecimento, a Sociolinguística também possui as suas ramificações. Bagno (2017, p. 427) nos dá algumas possibilidades, tais como: Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Aplicada, Sociolinguística de Contato, Sociolinguística Educacional, Linguística Antropológica, entre outras. Para este estudo, porém, concentraremos mais as nossas análises na Sociolinguística Educacional, já que essa ramificação nos permite transpor as produções da Sociolinguística à Educação (cf. Bortoni-Ricardo, 2005), oferecendo subsídios ao corpo docente para trabalhar conteúdos da Sociolinguística em sala de aula de forma mais didática e compreensível. Por esse motivo, um currículo de qualquer curso de Letras que não dê conta de oferecer condições teórico-técnicas para formar bons e boas docentes de língua portuguesa a partir de um olhar sociolinguístico está, segundo Bortoni-Ricardo (2004; 2005) e Bagno (2007; 2013), cometendo um grave erro.

Nesse caminho, é desejável que, nas aulas de língua portuguesa, os estudantes tenham contato com a Sociolinguística, em especial através do fenômeno da variação linguística⁴, de acordo com Araújo (2014), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Duarte (2013), Nascimento e colaboradoras (2020) e Silva, Dias e Luquetti (2019). Acontece, porém, que tal realidade não tem sido praticada em todo território nacional e nem da forma como deveria (de forma contínua, progressiva e variada⁵), segundo Bagno (2007), Caputo (2020) e Willima e Souza (2023). O mais comumente encontrado, conforme apontam esses autores, é uma abordagem excessivamente gramatical, em detrimento das outras camadas que compõem a língua e o linguístico. Isso nos dá margem para pensar na ideia de currículo enquanto seleção, enquanto reprodução de práticas e discursos hegemônicos quando não há uma reflexão crítica sobre ele e(m) sua produção/construção (Arroyo, 2014; Silva, 2005).

³ Apesar da afirmação feita, Calvet (2002) entende que toda Linguística é (ou deveria ser) social. Em outras palavras, o termo "Sociolinguística", para o autor, seria redundante, já que toda Linguística precisa, necessariamente, ser social.

⁴ Neste ponto, cabe um adendo: a variação linguística não é um conteúdo dentro do componente curricular "língua portuguesa", tampouco poderia ser. A variação é um fenômeno, e como tal, está diretamente relacionado à língua. As línguas são variáveis, heterogêneas e sensíveis ao uso; portanto, a variação é intrínseca ao linguístico, está presente nas inúmeras camadas e dimensões linguísticas (Cf. Bagno, 2014).

⁵ Em um texto publicado recentemente, Willima e Souza (2023) afirmam, baseados na BNCC e em teóricos da área, que o ensino de variação linguística deve ser contínuo (em todas as etapas da Educação Básica), progressivo (em diversos momentos das aulas de língua portuguesa) e variado (levando em consideração múltiplos níveis [fonético-fonológico, morfossintático, discursivo, semântico-pragmático, lexical e outros] e dimensões [regional, social, histórica, geracional, estilística, etária e outras] da língua).

Espaço de lutas, contestações, disputas e reproduções da hegemonia sociocultural, o currículo necessita ser pensado em sua complexidade e completude e ser construído pelas mãos dos indivíduos direta e indiretamente afetados por ele, segundo Aguiar e Dourado (2018), Moreira (2021), Sacristán (2013) e Silva (2005). Se não for assim, teremos um currículo que não dá conta da realidade social, cultural e histórica daquele território/povo e que não dá conta, igualmente, das produções de conhecimento relacionadas à área sobre a qual ele versa. É pensando nisso, a partir da relação entre formação docente e currículo proposta por Alves (2017) e Moreira (2021), e de sua relação com a Sociolinguística (Educativa), que faremos uma análise sobre a inserção da Sociolinguística no currículo do Curso de Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro na seção seguinte, já que se trata de um conhecimento extremamente necessário à formação de docentes de língua portuguesa, conforme vimos acima.

Por fim, com relação ao tópico da relação entre formação docente e currículo, Alves (2017) nos mostra, em seu artigo, a importância de um currículo construído na coletividade e pensado na sua complexidade e completude para que haja uma formação mais sólida e condizente com a realidade dos indivíduos. A autora nos trouxe, em seu texto, a experiência curricular exitosa do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense *campus* Angra dos Reis, no qual a construção curricular se deu levando em consideração aquilo que ela chama de "articulação de diversas redes educativas" (Alves, 2017, p. 14), pensando na ideia de currículos em rede, integrando diversos saberes e práticas. Assim, os docentes que estão por se formar estarão em contato constante com a inter-relação de saberes e práticas, tão necessária a uma formação integral dessa categoria profissional.

Moreira (2021, p. 36), por sua vez, nos afirma que "no currículo da formação docente, há que se reservar significativo espaço para que se avaliem as escolhas referentes ao que e como ensinar, que se apreciem suas razões e as necessidades a que visam a atender", justamente pelo fato de o currículo ser, como vimos, um lugar de disputas. O autor continua a sua afirmação dizendo que "deve-se, assim, familiarizar os/as futuros/as docentes com os problemas para os quais os conteúdos curriculares pretendem oferecer soluções provisórias", porque sim, falar em currículo escolar é também falar em possibilidades de justiça social⁶ (Santomé, 2013). Portanto, é possível perceber, a partir das proposições supracitadas, a importância e a necessidade de uma

⁶ Justiça social tem a ver, igualmente, com a possibilidade de os indivíduos terem acesso aos conhecimentos historicamente produzidos (Santomé, 2013), inclusive sobre a Sociolinguística (Zavala, 2019) - nosso objeto neste artigo - e demais saberes de/sobre língua/linguagem (Souza-Luz; Cristovão, 2022).

sólida formação docente na relação direta e intransponível com o campo curricular. É dessa realidade que se seguirão as análises realizadas na seção seguinte.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Parecer CNE/CES n° 492, de 03 de abril de 2001, estabelece as orientações curriculares para os cursos de Letras (Brasil, 2001). De acordo com ele, "é necessário que se amplie o conceito de currículo, que deve ser concebido como construção cultural que propicie a aquisição do saber de forma articulada" (Brasil, 2001, p. 29). Refletindo sobre essa afirmação, é importante que os currículos sejam construídos e pensados a partir da realidade sociocultural na qual está inserido, de forma a que os saberes sejam articulados entre si, conforme já nos afirmavam Alves (2017), Moreira (2021), Sacristán (2013) e Santomé (2013), indo de encontro às concepções tradicionais de currículo enquanto um documento meramente normativo, fragmentado e técnico, que vigorou por muito tempo (Silva, 2005) - e vigora até os dias de hoje.

Nesse mesmo caminho, o referido Parecer nos mostra a necessidade de que os/as docentes em formação terminem a graduação reconhecendo a língua como prática social, compreendendo a sua realidade variável e heterogênea e realizando uma reflexão "analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico" (Brasil, 2001, p. 30), indo ao encontro dos apontamentos feitos por autoras e autores da área, tais como Bagno (2007; 2014), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Caputo (2020), Duarte (2013), Silva, Dias e Luquetti (2019) e Willima e Souza (2023), conforme vimos anteriormente. Além disso, é preciso que os conteúdos específicos do curso estejam ligados à área dos Estudos Linguísticos e Literários, de forma equânime, a fim de que os futuros e as futuras docentes de línguas tenham condições de lidar com o objeto língua em sua completude e complexidade, a partir da Linguística (incluindo-se, obviamente, os estudos gramaticais) e da Literatura (Brasil, 2001).

Em vista disso, é importante que o currículo dos cursos de Letras aborde a Sociolinguística enquanto uma corrente da Linguística que objetiva orientar a práxis docente, segundo Bagno (2007; 2013) e Bortoni-Ricardo (2004; 2005), para além de seu tratamento como mero conteúdo ou como uma simples disciplina instrumental. Pensando nisso, analisemos, agora, o PPC atualizado em 2019 do Curso de Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro (Instituto Federal Fluminense, 2019), comparando-o ao PPC que estava vigente até a referida data (Instituto Federal Fluminense, 2016), relacionando-os à literatura da área e às diretrizes curriculares para os cursos de Letras (Brasil, 2001).

Imagem 1: Matriz Curricular do Curso de Letras (anterior a 2019).

Dimensão dos saberes específicos		Morfossintaxe da Língua Portuguesa	80	67
		Sociolinguística	20 + 20*	17 + 17*
		Teoria Literária III	40	34
		Língua Latina I	40	34

40

3º período		Linguagens da Cibecultura*	20 + 40*	17 + 34*
		Teorias da Aprendizagem *	40 + 20*	34 + 17*
		Organização dos Sistemas Educacionais II	80	67

Fonte: Instituto Federal Fluminense (2016, p. 39-40).**Imagem 2:** Matriz Curricular do Curso de Letras (a partir de 2019).

		Componente Curricular	Carga horária (h/a)	Carga horária (h)
1º período	Dimensão dos saberes específicos	Fonética e Fonologia	60	50
		Linguística I	80	68
		Teoria Literária I	60	50
		Fundamentos Sociofilosóficos da Educação	60	50
		Trabalho e Educação	40	34
	Dimensão dos saberes instrumentais	Oficina de Língua Portuguesa	40	34
		Leituras Orientadas I**	20* + 40**	17* + 34**

Fonte: Instituto Federal Fluminense (2019, p. 28).

Como podemos observar nas imagens 1 e 2, houve algumas alterações no PPC de Letras entre a versão de 2016 e a de 2019. De acordo com o próprio documento, a necessidade de mudanças profundas no PPC surgiu em decorrência das demandas do corpo docente e discente do curso, em especial após a tese de doutorado de uma das professoras do curso que versava, justamente, sobre a permanência de estudantes de Letras (Instituto Federal Fluminense, 2019, p. 21). Uma dessas alterações foi a absorção da Sociolinguística por Linguística I e o incremento de maior ementa e carga horária tanto em Linguística I, quanto em

Linguística II, passando de 40h a 80h. Por esse motivo, e por falta de espaço, optamos por não colocar a matriz curricular completa neste trabalho.

Ainda sobre os apontamentos anteriores, é válido destacar uma redistribuição feita no PPC, passando a Sociolinguística para Linguística I, e colocando-a no primeiro período do curso, alterando a matriz curricular antiga. Essa corrente da Linguística, como as demais, possui um nível de complexidade e exigência muito alto, o que por si só já deveria inviabilizar sua oferta no início do curso. Para compreender determinados conceitos da Sociolinguística, é necessária uma consolidação de conhecimentos em Linguística Geral, ter passado, pelo menos, por Fonética e Fonologia, História da Língua, Morfologia, Morfossintaxe e Sintaxe (pensando na distribuição curricular do Curso de Letras do IFF). Sem os conhecimentos adquiridos a partir desses componentes curriculares, o processo de aprendizagem da Sociolinguística ficará deficitário.

Como será possível compreender, por exemplo, as estruturas variáveis da língua: colocação pronominal, flexão verbal, concordância nominal e verbal e ordem dos elementos na sentença, se os/as estudantes ainda não passaram por Linguística I e II, Morfologia I e II, História da Língua, Morfossintaxe e Sintaxe I, II e III? Como entenderão, por exemplo, os motivos de muitos indivíduos terem dificuldade na escrita de uma palavra, em decorrência da forte variação morfofonêmica existente na nossa língua, se ainda não passaram por Fonética e Fonologia, Linguística I e II e Morfologia I e II? Como saberão, por exemplo, os motivos pelos quais a nossa língua é tão diferente da língua de Portugal em muitos aspectos, apesar de o nome ser o mesmo, se ainda não passaram por História da Língua e Filologia e Gramática Histórica? Esses são apenas alguns dos inúmeros exemplos que podemos analisar para justificar os motivos pelos quais a Sociolinguística não deveria estar no início do curso.

Por fim, cabe uma reflexão importante: levando em consideração o que discutimos no parágrafo anterior, será que um dos motivos pelos quais uma parte dos/as docentes de língua portuguesa têm praticado um ensino tão descontextualizado e reduzido, segundo nos afirmam Bagno (2007), Caputo (2020) e Willima e Souza (2023), possa ser interpretado como a má distribuição dos componentes curriculares na matriz do curso? Mais ainda: será que poderia, igualmente, haver alguma relação entre essa abordagem descontextualizada e reduzida de língua e uma falta de aprofundamento de determinados conhecimentos necessários a uma práxis docente mais condizente com a realidade linguística brasileira? É sobre esse último ponto que debateremos a seguir. Para tanto, analisemos as tabelas abaixo.

Tabela 1: Comparação entre as ementas de Linguística I antes e após a atualização.

Ementa de Linguística I (anterior a 2019)	Ementa de Linguística I (a partir de 2019)⁷
1. Concepções da língua(gem) 1.1 As linguagens & comunicação 1.2 Algumas definições de língua(gem) 1.3 A Aquisição da linguagem verbal 2 A Gramática de Port-Royal e o histórico das gramáticas 2.1 A Gramática Especulativa, Gramática de Port-Royal e a Gramática Comparada 3 O que é Linguística 3.1 Letras e fonemas 3.2 Fonética, Fonologia e Gramática: princípios 4. A Linguística como ciência da linguagem 4.1. Objeto, campo e método 4.2. Comportamento linguístico e sistemas linguísticos 4.3. A linguagem, a língua, a Linguística: interseções e distinções 5. Teoria do signo em Saussure. 5.1. As dicotomias saussurianas: a) significante & significado; b) língua & fala; c) sincronia & diacronia; d) sintagma & paradigma. 5.2 A dupla articulação da linguagem 5.3 Arbitrariedade e Linearidade.	1. Língua, linguagem e linguística; 2. A formação do campo I: de Panini a Saussure; 3. O Curso de Linguística Geral; 4. O Estruturalismo Europeu; 5. O Estruturalismo Norte-Americano; 6. O Círculo Linguístico de Praga e o Funcionalismo; 7. Introdução à Sociolinguística: 7.1 Contexto histórico; 7.2 A Sociolinguística e a Linguística Estruturalista do século XX: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística, inerente e sistemática; 7.3 A Etnografia da comunicação; 7.4 A Sociolinguística Interacional; 7.5 Sociolinguística e Educação. 8. Mudança e Variação Linguísticas: 8.1 A Teoria da Mudança em Linguística; 8.2 Causas/fatores da mudança linguística; 8.3 O tratamento da variação linguística I: as contribuições de Labov; 8.4 O tratamento da variação linguística II: o contexto brasileiro. 9. Norma Linguística: 9.1 A cultura normativa; 9.2 A atitude descritiva e a atitude normativa; 9.3 A norma-padrão portuguesa; 9.4 O discurso purista; 9.5 O problema normativo no Brasil; 9.6 Em busca de uma norma-padrão do Português Brasileiro; 9.7 O certo-errado; 9.8 Norma culta e dinâmica social da língua. 10. Preconceito Linguístico:

⁷ Por questões de espaço, recortamos esta ementa e deixamos apenas os tópicos de cada conteúdo que não estivesse relacionado à Sociolinguística.

	10.1 Definição; 10.2 Formas de expressão do preconceito linguístico; 10.3 Preconceito linguístico e desigualdade social; 10.4 Preconceito linguístico e questões de gênero/cor; 10.5 Preconceito linguístico na escola.
--	---

Fonte: Instituto Federal Fluminense (2016, p. 51-53; 2019, p. 33-36).

Tabela 2: Comparação entre as ementas de Sociolinguística antes e após a atualização.

Ementa de Sociolinguística (anterior a 2019)	Ementa de Sociolinguística (a partir de 2019)
1.1- Comunicação e linguagem 1.2- Fundamentação teórica: objeto, conceituação, pressupostos e delimitação 1.3- Variações linguísticas: diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica, diagenérica e diageracional 1.4- Estudo de casos de variação do português brasileiro 1.5- Questões metodológicas relativas à análise da variação linguística Correntes a partir da Sociolinguística: a Sociologia da Linguagem, a Sociolinguística Interacional, a Dialetoleologia Social e a Etnografia da Comunicação: características 1.6- Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): apresentação e abordagens	Foi redistribuída para Linguística I, com mudanças substanciais.

Fonte: Instituto Federal Fluminense (2016, p. 78-80; 2019).

Ao analisar as tabelas acima, é possível perceber, nitidamente, um avanço nas discussões sobre Sociolinguística entre o PPC antigo e o atual. Não cabe dúvidas de que, agora, os debates estão muito mais aprofundados e delimitados. O problema, porém, está em colocar a Sociolinguística dentro de Linguística I e, conseqüentemente, transferi-la para o primeiro período, conforme já vimos acima. O componente curricular "Linguística I" é repleto de conceitos e conteúdos complexos e extensos, fato que demonstra a possibilidade de um certo apagamento das questões relativas à Sociolinguística. Com o incremento de maior carga horária para esse componente curricular, aumentou-se, também, a quantidade de temas abordados em sua ementa. Assim, a parte que concerne à Sociolinguística ficaria para o final do período em questão, levando em consideração a disposição da ementa e sua aplicação tal como está no PPC, corroborando com a ideia do possível apagamento do aprofundamento necessário que esse tema deveria receber.

Com relação à mudança substancial na ementa de Sociolinguística após a reformulação do PPC, podemos tecer alguns comentários pertinentes. Conforme discutimos na fundamentação teórica deste trabalho, falar em Sociolinguística pressupõe entender que essa corrente possui diversos desdobramentos, como a Sociolinguística Educacional, Variacionista, Internacional, de Contato, Aplicada, Etnológica, Antropológica e outros, além dos inúmeros conceitos e das incontáveis teorizações que a corrente possui, segundo Bagno (2017) e Bortoni-Ricardo (2014). No entanto, reduzir a Sociolinguística apenas à sua parte teórico-metodológica quantitativa (Variacionista), como se fazia majoritariamente no PPC antigo, é deixar de considerar o papel fundamental da Sociolinguística Educacional para uma práxis docente mais efetiva e condizente com a realidade (socio)linguística brasileira (cf. Bortoni-Ricardo, 2005).

É válido destacar, ainda, que as discussões sobre o preconceito linguístico, sua relação com os preconceitos sociais e as implicações educacionais disso não foram levadas em conta na ementa antiga o tanto que deveriam, haja vista ser essa uma prática muito comum e corriqueira nas escolas Brasil afora, não apenas nas aulas de língua portuguesa, conforme nos afirmam Bagno (2007; 2015), Bortoni-Ricardo (2005) e Willima e Souza (2023). Por último, mas não menos importante, o PPC atual abre espaço para discussões extremamente pertinentes, urgentes e importantes no que tange ao ensino de línguas e ao seu tratamento: a questão da norma. Diversos nomes importantes da área, como Bagno (2003; 2007; 2013; 2014; 2015; 2019), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Faraco (2008) e Lucchesi (2015), já nos alertavam sobre o problema da norma na sociedade brasileira e seus desdobramentos nas salas de aula.

Parte do problema exposto acima foi observado por Caputo (2020), Nascimento e colaboradores (2020) e Willima e Souza (2023) quando pesquisaram sobre o tratamento da variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Assim, debater sobre a questão da norma nos cursos de Letras é de extrema importância, principalmente quando observamos o cenário atual do ensino de línguas e o que tem sido feito ao longo dos anos. Falar em norma é sempre lembrar que ela vem acompanhada de um plural: logo, são as normas (cf. Faraco, 2008). Todo esse conhecimento, portanto, é essencial que um/a docente de língua portuguesa tenha, haja vista lidarmos com conflitos normativos diários não só nas salas de aula, como também na sociedade em geral (cf. Faraco, 2008; Lucchesi, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início deste texto, vimos discutindo sobre uma série de questões: a importância dos conhecimentos do campo curricular na formação docente (independente da

área específica), o papel fundamental da Sociolinguística para uma práxis docente mais condizente com a realidade linguística brasileira e a necessidade de uma organização curricular para os cursos de formação docente que leve em consideração toda a nossa riqueza e diversidade linguística, que aprofunde os conhecimentos linguísticos e literários dos indivíduos em processo de formação, que auxilie na construção de uma identidade docente com vistas a fomentar o pensamento crítico, reflexivo e analítico de/sobre língua, e tudo isso relacionado à literatura da área e à legislação específica que fornece as orientações curriculares para os cursos de Letras: Parecer CNE/CES nº 492, de 03 de abril de 2001.

Com relação aos resultados obtidos neste estudo e discutidos no tópico anterior, foi possível perceber a presença da Sociolinguística no currículo do Curso de Letras do IFFluminense *campus* Campos Centro; porém, observamos alguns problemas relativos à sua forma de organização e distribuição. O primeiro deles foi a inserção da Sociolinguística em Linguística I, cujo conteúdo é extremamente denso e extenso. O segundo está relacionado ao período do curso no qual é ofertado Linguística I: no primeiro. Conforme discutimos, há grandes chances de se produzir uma espécie de apagamento do aprofundamento dos temas da Sociolinguística em decorrência da quantidade de conteúdo e do pouco tempo hábil para tal. Além disso, há, indiscutivelmente, um problema ainda mais grave que esse: o fato de se trabalhar Sociolinguística quando os/as estudantes não possuem determinados conhecimentos que são extremamente necessários para uma maior compreensão dos fenômenos sociolinguísticos e da própria corrente em si.

Não cabem dúvidas, no entanto, que a atualização do PPC foi sumamente necessária, haja vista a má organização da Sociolinguística (e de outros componentes curriculares) no PPC antigo. Houve um maior aprofundamento dos temas, uma tentativa de integrar os conhecimentos da Sociolinguística com as outras áreas relacionadas a questões linguísticas (respeitando, assim, as exigências do Parecer), mas ainda não é o bastante. Este trabalho mostrou, portanto, que apesar das evidentes melhorias, há muito o que se fazer para cumprir as exigências legais concernentes aos cursos de Letras, não somente no que diz respeito à Sociolinguística, mas principalmente. Separar a Sociolinguística de Linguística I e colocá-la a partir do quinto período é essencial para um maior aproveitamento desses conhecimentos que são inegavelmente importantes para uma práxis docente efetiva e que considere a nossa diversidade e riqueza linguísticas na hora de formar futuros/as formadores/as.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. A.; DOURADO, L. F. (Orgs.). **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas**. [Livro Eletrônico]. Recife: ANPAE, 2018.
- ALVES, N. G. Formação de docentes e currículos para além da resistência. **Revista Brasileira de Educação**. V. 22, n. 71, 2017.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARAÚJO, M. J. O. **A variação linguística em sala de aula: uma proposta de intervenção reflexiva sobre o preconceito linguístico**. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2014.
- ARROYO, M. **Currículo: território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAGNO, M. **Língua, Linguagem, Linguística: pondo o pingô nos ii**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. **Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação**. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 12 dez. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social**. 2001. Disponível em: <http://licenciaturas.centro.iff.edu.br/dirlic-iffuminense-campus-campos-centro-cabecalho-oficial/documentos/atos-legais/pareceres/parecer-cne-ces-no-492-de-3-de-abril-de-2001/view>. Acesso em: 04 jan. 2024.
- BRASIL. Resolução CNE/CP nº 01, de 2 de julho de 2019. **Altera o Art. 22 da Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação**

continuada. 2019a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=77781%E2%80%9D>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BRASIL. Resolução CNE/CP n° 01, de 27 de outubro de 2020. **Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada).** 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90831-resolucoes-cp-2021>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BRASIL. Resolução CNE/CP n° 02, de 20 de dezembro de 2019. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).** 2019b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=77781%E2%80%9D>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CALVET, L-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPELO, C. L. F.; JOHANN, R. C.; PEREIRA, A. M. S. A Base Nacional Comum Curricular e a Reforma do Ensino Médio: uma crítica à luz do materialismo histórico. **Revista Gesto-Debate.** Campo Grande - MS, v. 21, n. 3, p. 31-64, jan./dez. 2021.

CAPUTO, D. M. **Olhares sobre o tratamento dado à variação linguística em salas de aula do ensino básico.** Monografia (graduação em Letras com habilitação em português e italiano) - UFRJ. Rio de Janeiro, 2020.

D'ÁVILA, C. A didática nas Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para a Formação de Professores da Educação Básica: impasses, desafios e resistências. **Revista Cocar.** Edição especial n. 8, p. 86-101, jan./abr. 2020.

DUARTE, M. E. L. O papel da Sociolinguística no (re)conhecimento do português brasileiro e suas implicações para o ensino. **Revista Letra.** Rio de Janeiro, 2013.

EVANGELISTA, O.; SHIROMA, E. **Subsídios teórico-metodológicos para o trabalho com documentos de política educacional: contribuições do marxismo.** In: CÊA, G. S.; RUMMERT, S. M.; GONÇALVES, L. D. (Orgs.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2019.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNANDES, E. G. T. **Teorias do Currículo.** [2020].

FERRAREZI Jr., C. **Pedagogia do Silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

GONÇALVES, A. M. **Os intelectuais orgânicos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): aspectos teóricos e ideológicos.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-graduação em Educação, 2020.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Letras.** 2019. Disponível em: <http://licenciaturas.centro.iff.edu.br/cursoslicenciatura/licenciatura-em-letras/plano-pedagogico-do-curso/ppc-2019.1/view>. Acesso em: 12 dez. 2023.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas**. 2016. Disponível em: <http://licenciaturas.centro.iff.edu.br/cursoslicenciatura/licenciatura-em-letras/plano-pedagogico-do-curso/ppc/view>. Acesso em: 12 dez. 2023.

LUCCHESI, D. **Língua e Sociedade Partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Barueri/SP: Atlas, 2021.

MOREIRA, A. F. B. Formação de professores e currículo: questões em debate. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 110, p. 35-50, jan./mar. 2021.

NASCIMENTO, M. E. B. *et. al.* A variação linguística em sala de aula: uma reflexão de alunos e professores. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67881>. Acesso em: 29 dez. 2023.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010.

RAMOS, M.; PARANHOS, M. Contrarreforma do Ensino Médio: dimensão renovada da pedagogia das competências? **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 16, n. 34, p. 71-88, jan./abr. 2022.

SACRISTÁN, J. G. (Org.). **Saberes e Incertezas Sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOMÉ, J. T. **Currículo Escolar e Justiça Social**: o cavalo de troia da educação. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, J. M.; DIAS, A. P. V.; LUQUETTI, E. C. F. A variação linguística na sala de aula: contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. **Revista Philologus**, ano 25, n. 73. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2019.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA-LUZ, A. C. C. C.; CRISTOVÃO, V. L. L. *Public policies and Teacher Education for Social Justice: designing social justice courses for language students*. In: SOUZA NETO, M. J. (Org.). **Língua(gem) e Justiça Social**: saberes, práticas e paradigmas. Tutóia: Diálogos, 2022.

SILVEIRA, Z. S. Organismos supranacionais: a construção de uma concepção de mundo em torno da integração da educação superior - o caso do Brasil. **Trabalho Necessário**. Ano 10, n. 14, 2012.

WILLIMA, K. G.; SOUZA, S. S. Transpondo os Muros da Discriminação e do Preconceito Linguísticos: uma análise do (não) ensino de variação linguística em sala de aula. In: VIEIRA, S. R. *et. al.* (Org.). **Variação linguística, ensino e interfaces**: resultados e propostas. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

ZAVALA, V. *Justicia sociolingüística para los tiempos de hoy*. **Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura**. 24(2), 2019.

Recebido: 07 de março de 2024.

Aceito: 18 de setembro de 2024.